

# Traços da Dialética no Silogismo Recepcionado pela “Ciência da Lógica” de Hegel

## Traces of the Dialectic in the Syllogism Accepted through the “Science of Logic” of Hegel

NELSON FOSSATTI<sup>1</sup>

*Silogismo é a verdade do Juízo*

*Georg W. F. Hegel*<sup>2</sup>

**Resumo:** O tema do silogismo sempre desafiou os filósofos e matemáticos. Através de seus estudos Aristóteles passou a ser uma referência no silogismo do entendimento. Seu interesse foi investigar como o silogismo categórico poderia responder as várias ciências através das premissas do conhecimento científico. O silogismo recebe um tratamento matematizado, apodíaco e quantitativo com uma abstração da qualidade. O Artigo faz uma reflexão sobre a dialética que envolveu o silogismo até ser recepcionado por Hegel na ciência da lógica. Para Hegel o silogismo deve permitir responder e provar uma conclusão pelo conhecimento, não mediada pela ciência, seu conteúdo deve ser determinado pelo conceito e não o conteúdo pelo empírico.

**Palavras-chave:** Silogismo categórico. Silogismo do entendimento. Silogismo em Hegel.

**Abstract:** The of the study has always challenged philosophers and mathematicians. Through his studies, Aristoteles has become a reference in the categorical syllogism. His interest was to investigate how the categorical syllogism could answer to the various sciences through the premises of scientific knowledge. The syllogism receives a mathematized treatment apodíaco and quantitative with an abstraction of the quality. The article does a reflection about dialectics that involved the syllogism to be met by Hegel in the science of logic. For Hegel, the syllogism should allow to answer and prove a conclusion by the knowledge, not mediated by science, its contents must be determined by the concept and not the content by empirical.

**Keywords:** Categorical syllogism. Understanding syllogism. Hegel syllogism.

---

<sup>1</sup> Doutorando PPG-Filosofia PUCRS. E-mail: fossati@pucrs.br.

<sup>2</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friederich.

Aristóteles conceituou Silogismo, συλλογισμός, uma forma de oração que compreende algumas proposições que delas permite chegar a uma conclusão. E sua maior preocupação foi identificar entre os silogismos os perfeitos e os imperfeitos<sup>3</sup>.

Ao investigar determinado objeto preocupava-se em identificar a área da ciência que estudo deveria pertencer, desenvolvendo uma ciência que se pode denominar de ciência demonstrativa.

Com esta visão, o filósofo de Estagira, lança através do silogismo o processo de raciocínio por dedução cuja conclusão está sujeita a uma dedução das proposições que ele denominou de *premissas* SPM: S - premissa maior, P - termo- meio e M –conclusão.

O termo médio não surge da conclusão devendo ser universal ao menos uma vez e desaparece na conclusão.

Um exemplo de silogismo categórico de Aristóteles:

1 Todos os homens são mortais

2 Sócrates é homem

3 logo Sócrates é mortal

Entretanto para Aristóteles o *silogismo perfeito*, é aquele que não requer nada mais, além do que nele está compreendido para evidenciar a necessária conclusão<sup>4</sup>. Estagirita classifica como silogismo perfeito, ao silogismo da primeira figura.

Por outro lado, Aristóteles considerava Silogismo imperfeito aquele que requer uma ou mais proposições as quais, ainda que resultem necessariamente dos termos formulados não estão muito clara nas premissas<sup>5</sup>.

A forma do silogismo define o primeiro modo, sendo suas premissas universais e afirmativas. Aristóteles em seu estudo sobre silogismos preocupou-se em verificar quais silogismos eram válidos que pudesse ser interpretado com mais de um sentido ao que ele denominou de proposições categóricas, decorre daí sua qualificação: Silogismo categórico O silogismo

---

<sup>3</sup>ARISTÓTELES. *Organón: Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos e Refutações sofísticas*. Trad.Edson Bini. Bauru SP: EDIPRO,2005.

<sup>4</sup> Ver Analíticos Anteriores (A1,24b-23-24)

<sup>5</sup> Idem (A1,24b25-26)

categorico é qualitativo é também reconhecido como silogismo do ser-aí, do entendimento.

Entretanto conforme destaca Inwood<sup>6</sup> para Aristóteles, no silogismo categorico referido, 1 é premissa maior -*der Obersatz*, 2 premissa menor *der Untersatz*- e a conclusão- *der Schlusssatz*, envolvendo três conceitos no exemplo citado homem, grego e mortal. Termo médio “homem”, premissa maior” mortal” e premissa menor “grego”. A quarta figura foi adicionada por Galeno e posteriormente Kant e Hegel adicionaram as formas do juízo INDIVIDUAL.

Entre as características do Silogismo pode-se verificar algumas regras: O termo médio não pode entrar na conclusão; De duas premissas afirmativas não há conclusão negativa; De duas premissas negativas nada se conclui; De duas conclusões particulares nada se conclui; A conclusão segue sempre a premissa mais fraca.

Aristóteles pensava em dar respostas a todas as inferências possíveis, através de seu sistema silogístico, em seu *Organon* <sup>7</sup>apresenta as categorias, os *Analíticos anteriores* (Livro I e II) e os *Analíticos posteriores* (Livro I e II) e *Tópicos* (Livro I-VIII) onde o objeto de estudo de investigação do filósofo trata da silogística.

Entretanto o sistema por ele proposto se constitui apenas um proêmio seminal da ciência da lógica. O silogismo aristotélico faz parte da lógica formal e as premissas faziam parte das ciências, portanto suas premissas são apodíacos, são mediadas pela ciência na forma de racionalidade.

Conforme Brandon<sup>8</sup> o significado do termo silogismo pode ser traduzido, na Ciência da Lógica, como uma forma de inferência. Brandon é um filósofo que se preocupa com a rede semântica conceitual. Bavaresco<sup>9</sup> aborda o tema em seu artigo *Silogismo e Inferencialismo em Brandon*. Sua

---

<sup>6</sup> INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. I trad. Álvaro Cabral-Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1997

<sup>7</sup> ARISTÓTELES. *Organón: Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos e Refutações sofísticas*.

Trad.Edson Bini. Bauru SP: EDIPRO, 2005, p.174.

<sup>8</sup> BANDOM, Robert. “Olismo e Idealismo Nella Fenomenologia di Hegel”. In: Ruggiu, Luigi e TESTA Ítalo (org). *Hegel Contemporâneo. La ricezione americana de Hegel a confronto com La tradizione europea*. Italy: Guerini e Associati, 2003, pp.266.

<sup>9</sup> BAVARESCO, Agemir . *Silogismo Hegeliano e Inferencialismoem Brandon*. *Cognitio: Revista de Filosofia*, São Paulo, v. 13, n. 1, jan./jun., 2012.

relevância está em que a lógica de Aristóteles apresenta um déficit quando na aplicação das leis da inferência.

A - Afirmação particular Afirmativa <i>Todos os homens são mortais</i>	E - Negação Particular e Negativa <i>Todos os homens não são mortais</i>
I - Afirmação Particular Afirmativa <i>Alguns homens são mortais</i>	O - Negação particular Negativa <i>Alguns homens não são mortais</i>

A lógica do filósofo não consegue pensar inferências em que o os quantificadores do sujeito lógico *todos, alguns, nenhum* ocupem a posição do sujeito e assumam em algum lugar no predicado gramatical.

Por outro lado só lida com as inferências que dependem de palavras como "todos" e "alguns", que se ligam a substantivos, mas não com as inferências que dependem de palavras como "se..., então ", que interligam as frases. Nestas condições as regras de Aristóteles não permite através da inferência validar premissas como "Todos os estudantes conhecem algumas datas" ou "Algumas pessoas detestam os todos policiais<sup>10</sup>."

Para Aristóteles as ciências são plurais e existem várias ciências particulares, considerava a metafísica a ciência mais universal, entretanto é uma ciência que não unifica as demais ciências, devendo ser vista como *Organon* - não são determinadas pela lógica.

Não bastava dizer que a ciência tem uma abrangência universal é necessário que seja sustentada em si e para si. O quadro 1- proposições categóricas apresenta as quatro proposições categóricas (A, E, I e O).

#### Quadro 1- Proposições categóricas

O Quadro-1 Proposições categóricas, exemplifica o estudo de Aristóteles, estabelecendo os silogismos que apresentam validade e os falsos silogismos que são denominados de sofismas.

<sup>10</sup> KENNY, Anthony. *Historia Concisa da Filosofia*, Lisboa: SIG, 1999, p.96

Verifica-se que além de apresentar os quatro tipos de proposições está presente o Quadrado Lógico do sistema aristotélico, estabelecendo o sujeito lógico do silogismo em quantificadores universais *todos*, quantificadores particulares *alguns*, representando o sujeito lógico.

Verifica-se que o Quadrado Lógico de Aristóteles, utiliza-se dos quantificadores *todos*, *alguns*, *nenhum* e explica a diferença entre Contrários e Contraditórios: A oposição entre A e O e entre I e E é chamada de oposição de contraditórios: a regra diz se um contraditório é verdadeiro então o outro é falso.

A oposição entre contrários é aquela que existe entre proposições do tipo A e do tipo E. A regra estabelece se um contrario é verdadeiro, o outro é sempre falso usa-se a inferência para esta dedução<sup>11</sup>. Se a proposição A é verdadeira então E é falso: A e E são então contrários; E I são contraditórios não podem ser simultaneamente nem verdadeiros nem falsos; I e O não podem ser ambos falsos.

Observa-se que Aristóteles reconheceu inicialmente apenas três formas de silogismo. Afirmativa universal: (1) todos A's são B's; (2) Negativa universal: Nenhum A é B; (3) Afirmativa e particular: Alguns A's são B<sup>12</sup>.

Denominando inicialmente apenas três figuras do silogismo, cada uma de acordo com a posição e sintaxe do termo médio. Destaca-se que quarta figura foi identificada posteriormente não era desconhecida pelo filósofo, sendo mais tarde implementada. Assim se A é verdadeiro I também é, e se E é verdadeiro então O também é.

Pode-se constatar que Aristóteles, em relação aos silogismos, deteve-se apenas sobre os aspectos mais quantitativos do que qualitativos das proposições categóricas.

Como observa Gomes e D'Ottaviano<sup>13</sup> "Qualitativamente a proposição apenas afirma ou nega. Com efeito uma proposição categórica universal afirmativa (todo b é a) e uma universal negativa (nenhum b é a)

---

<sup>11</sup> CIRNE-LIMA, Carlos. *Dialética para principiantes*. 3<sup>a</sup>.ed.São Leopoldo: Editora Unisinos,1996,p.109-110.

<sup>12</sup> INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

<sup>13</sup> GOMES, Luís Evandro; D'OTTAVIANO,Itala M. *Um panorama da teoria aristotélica do silogismo categórico*.UNICAMP-SP 1ºSetembro 2010.

são opostas em qualidade, mas não em quantidade. Podendo ser ambas verdadeira ou ambas falsas.

Figuras	Premissa Menor	Premissa menor	Conclusão
1ª. figura	MP	SM	SP
2ª. figura	PM	SM	SP
3ª. figura	MP	MS	SP
4ª. figura	MP	MS	SP

Quadro-2 Figuras do silogismo

Quadro-2 Figuras do Silogismo, apresenta as 4 figuras do silogismo em função da sintaxe do termo médio. Conforme observa Hegel deveria atender a singularidade, particularidade e universalidade- SPU bem como o caráter qualitativo e quantitativo.

Observa-se que a quarta figura segue o axioma de Euclides (o que é igual ao mesmo é igual entre si) tem o caráter universal abstrato, portanto não tem mais singularidade e particularidade são todos U-U-U. Este axioma é importante em função da abstração da qualidade, só possuindo validade no campo quantitativo. Portanto a quarta figura seria impossível de conceber, uma vez que é impossível, uma proposição Universal ser predicado do particular, uma resposta que vai ser dada por Hegel na ciência da Lógica através do silogismo matemático<sup>14</sup>.

Em função das quatro proposições possíveis e das três figuras desenvolvidas pode-se deduzir  $(4^3) = 64$  silogismos, mais tarde ao adotar as quatro figuras, através da análise combinatória permitiu identificar  $(4^3).4 = 256$  silogismos entre tantos apenas 24 silogismos podem ser validados que serão melhor explicados na seção seguinte- Lógica no século XII.

## LÓGICA NO SÉCULO XII

No século XII a ciência da Lógica ficou por muitos séculos enclausurados no tempo. Após Aristóteles as figuras do silogismo foram

<sup>14</sup> HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das ciências Filosóficas em compêndio*. São Paulo: Loyola 1995.p.322

preocupações de muitos filósofos e matemáticos entre eles pode-se destacar Raimundo Lúlio<sup>15</sup> (1266) conhecido como doutor Illuminatus, dedicou a “lógica matemática” uma série de estudos, entre suas obras desenvolveu *Ars Combinatoria*, Mais tarde Pascal na sua obra aritmética (escrito em 1654 e publicado em 1679) seguindo-se Leibniz com *Dissertatio Arte Combinatoria e Ensaios de Cálculo Lógico* (Opera, Tom II, PI) em 1679. O instrumento matemático que estava em desenvolvimento na época era denominado de “análise combinatória” estuda formação, contagem e propriedades dos agrupamentos que podem constituir-se, segundo determinados critérios, como os objetos de uma coleção. Esses agrupamentos distinguem-se, fundamentalmente, em três espécies: arranjos, permutações e combinações, e podem ser formados de objetos distintos ou repetidos<sup>16</sup>.

Leibniz herdou parte da análise combinatória de Lúlio, Pascal e outros matemáticos e filósofos de sua época e ampliou o conhecimento sobre o tema, respondendo uma série de lacunas que submeteu o silogismo categórico ao cálculo combinatório, o que permitiu identificar na sua análise um número exagerado de figuras do silogismo. Adotou como possíveis juízos positivos e negativos indeterminados e singulares das 2048 figuras possíveis, paralelamente usando o processo de exclusão obtendo resultado apenas 24 figuras utilizáveis o que poderia ser explicado por uma permutação simples<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Ramon Llull. *Ars Magna*. Nasce em 1232 Maiorca pertenceu à ordem terceira dos franciscanos e era conhecido como Doutor Illuminatus. em

<sup>16</sup> Análise Combinatória-Combinações simples

Denominamos combinações simples de  $n$  elementos distintos tomados  $k$  a  $k$  (taxa  $k$ ) aos subconjuntos formados por  $k$  elementos distintos escolhidos entre os  $n$  elementos dados. Observe que duas combinações são diferentes quando possuem elementos distintos, não importando a ordem em que os elementos são colocados. Exemplo: No conjunto  $E = \{a, b, c, d\}$  podemos considerar: a) combinações de taxa 2: ab, ac, ad, bc, bd, cd.; b) combinações de taxa 3: abc, abd, acd, bcd.; c) combinações de taxa 4: abcd.

7.2 - Representando por  $C_{n,k}$  o número total de combinações de  $n$  elementos tomados  $k$  a  $k$  (taxa  $k$ ), temos a seguinte fórmula:

$$C_n^k = \frac{n!}{k!(n-k)!} \quad \text{ou} \quad \binom{n}{k} = \frac{n!}{k!(n-k)!}$$

Nota: o número acima é também conhecido como Número binomial e indicado por:

<sup>17</sup> Análise Combinatória - Permutações simples

4.1 - Permutações simples de  $n$  elementos distintos são os agrupamentos formados com todos os  $n$  elementos e que diferem uns dos outros pela ordem de seus elementos.

Hegel faz uma crítica Leibniz por que o matemático entendeu que poderia tratar o silogismo da mesma forma calcula quantas ligações de letras permite um alfabeto, quantas jogadas são possíveis num jogo de dados. O racional foi tomado como objeto morto e tomado sem conceito é deixado de lado o que é característico do conceito suas determinações<sup>18</sup>.

Considerando a multiplicidade de figuras propostas por Leibniz de certa forma totalizando o conceito. O silogismo para Hegel foi introduzido na ciência da lógica como uma forma de explicar os conceitos. O filósofo critica Leibniz por entender que tudo deve ser explicado pela lógica matemática quando deveria ser explicado através do pensamento. Principalmente porque os itens conceituais de Leibniz não são dialéticos são isolados no seu contexto.

Outro matemático Ploucquet<sup>19</sup> na sua obra *Principia de substantis e phaenomenis* parece ter sido mais coerente no seu cálculo, com base no fato de abstrair a diferença de relacionamento, da diferença da singularidade, da particularidade e da universalidade no juízo, fixando a identidade abstrata do sujeito e do predicado pelo qual eles estão em igualdade na matemática.

Assim, na proposição: A rosa é vermelha –predicado não deve significar vermelho universal e sim o vermelho determinado da rosa;

Na proposição: Todos os cristãos são seres humanos, o predicado deve referir-se a seres humanos cristãos; nesta condição: Os judeus não são cristãos logo os judeus não são seres humanos. Ploucquet recomendou que a lógica devesse ser ensinada mecanicamente através do cálculo às pessoas não instruídas, para Hegel foi pior que se pode dizer a respeito da ciência da Lógica.

O tratamento do silogismo assegura que somente a primeira figura apresenta resultados-silogismo perfeito a 2ª e a 3ª. figura são silogismos incorretos, mas o que fica evidente que Hegel não quer se somar aos matemáticos que predizem infinitas formas de silogismo.

---

Exemplo: com os elementos SMP são possíveis as seguintes permutações: ABC, ACB, BAC, BCA, CAB e CBA.

4.2 - O número total de permutações simples de  $n$  elementos distintos é dado por  $n$ , isto é  $P_n = n!$  Onde  $n! = n(n-1)(n-2)... \cdot 1$ .  $P_4 = 4! = 4 \cdot 3 \cdot 2 \cdot 1 = 24$

<sup>18</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica*. Tradução de: Agemir Bavaresco, Frederico Orsini, Christian Iber, Marloren Miranda e Tomás F.Menk. Revisão técnica: Luis Sander.

<sup>19</sup> Gottfried Ploucquet, 1753.



Nesta perspectiva Hegel constata que o silogismo do ser-aí apresenta uma relação de subsunção com o predicado é destituído de conceito posto a compreensão é mediada, mas as premissas são imediatas.

## PRINCÍPIOS DO SILOGISMO EM HEGEL

Para Hegel o silogismo é a unidade do conceito e do juízo: é o conceito enquanto a identidade simples, à qual retornaram as diferenças – de –forma do juízo; é o juízo enquanto ao mesmo tempo é posto na realidade, a saber, na diferença de suas determinações. O silogismo é o racional e todo o racional<sup>20</sup>.

Hegel entende que para compreender a coisa é preciso demonstrar e fazer emergir o conteúdo do conceito (S, P, U). A falta no silogismo formal não está na forma do silogismo- antes ela é racionalidade- mas no fato de que ela é apenas como forma abstrata e, por conseguinte sem conceito. Portanto através do silogismo matemático não é possível conhecer o conceito qualitativo, mas somente o conceito quantitativo.

A quarta figura U-U-U que não era do conhecimento de Aristóteles é conhecida como silogismo matemático e diz: “*Se duas coisas ou determinações são iguais a uma terceira elas são iguais entre si*”<sup>21</sup>. *Ou que é igual ao mesmo é igual entre si.*

Conhecido como axioma de Euclides traduz o princípio da identidade que não se deve entendê-lo na forma literal. O silogismo do ser-aí parte de um raciocínio dedutivo, cujas premissas se apresentam, podendo envolver quantidade e a qualidade e não proposições que a priori possam estabelecer uma identidade como um ser abstrato pode predicar um número.

Este axioma torna-se relevante por apresentar uma abstração da qualidade e por outro lado não pode ser explicado apenas pela quantidade. Pode-se afirmar que este axioma só tem validade no campo quantitativo. Hegel quer provar que o silogismo é uma forma de pensar racionalmente através do conceito por isto desenvolve as determinações do

---

<sup>20</sup> HEGEL, GTF. *Enciclopédia das ciências Filosóficas em compêndio*. São Paulo: Loyola 1995, p.315

<sup>21</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica*. Tradução de: Agemir Bavaresco, Michela Bordignon, Christian Iber, 2015

pensamento que chega as formas de razão do ser humano. Hegel faz uma crítica a Leibniz por entender que tudo deve ser explicado pela matemática quando deveria ser explicado pelo pensamento. A matematização não explica a coisa em si, esta deve ser explicada pelo pensamento.

No silogismo do entendimento a razão ainda não ajuda o entendimento, entretanto se o silogismo pode ser a forma do conceito, o silogismo formal é a forma sem conceito, uma vez que a unidade do silogismo formal não detém o meio termo ele sempre cai na determinação particular, o termo médio não contém todos, por conseqüência nem todas as figuras expressam o silogismo

Vimos que o silogismo da matemática só considera o número e não tem conteúdo, entretanto com Lúlio havia conteúdo diferente de Leibniz que só produzia números.

Hegel vai interpretar a lógica sob a perspectiva dialética e vai dar uma nova interpretação do juízo concebendo que toda inferência deve ter a forma do conceito com um termo Universal, Particular e Individual. Hegel ao estudar o silogismo de Aristóteles observou que depois de Aristóteles a lógica formal não tinha avançado ou manifestado qualquer progresso relevante.

A *Ciência da Lógica* de Hegel considera que a unidade do conceito e do juízo é o próprio silogismo: conceito enquanto identidade simples; é o juízo enquanto posto na diferença de suas determinações<sup>22</sup>. O silogismo é recepcionado na ciência da lógica uma vez que o desenvolvimento do pensar puro entende o silogismo como sendo o ultimo momento do processo de autodeterminação do conceito objetivo<sup>23</sup>.

Na ciência da Lógica Hegel desenvolve as formas com as quais o pensamento se apropria da realidade e qual a necessidade que reside seu fundamento.

Tais formas do conhecer culminam determinando o objeto através do conceito, o julgamento e o silogismo<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> HEGEL, GTF. *Enciclopédia das ciências Filosóficas em compêndio*. São Paulo:Loyola 1995,p.315.

<sup>23</sup> BAVARESCO, Agemir. *Silogismo Hegeliano e Inferencialismo em Brandom*. *Cognitio:Revista de Filosofia*,São Paulo.v.13, n. 1, jan/jun,2012.

<sup>24</sup> IBER, Christian. *Introdução à filosofia moderna e contemporânea*, Porto Alegre: akikópias, 2011, p.172.

Entretanto a faculdade da razão e do entendimento apresenta diferenças significativas. À tese “*todo racional é um silogismo*”<sup>25</sup> proposta por Hegel, destaca a diferença entre entendimento e razão. Enquanto entendimento é a faculdade que gera e fixa por si as determinidades, a razão confere a elas a forma da totalidade e unidade.

Hegel propõe que um dos atributos da razão seria de silogizar em que o silogismo seria um razão proporcional de conhecimento *ratio cognoscendi* da razão para chegar a “razão de ser” - *ratio assendi* da razão, que possui características transcendentais permitindo conceber a lógica do silogismo<sup>26</sup>.

Para Hegel o silogismo é o fundamento essencial de todo verdadeiro; e a definição do absoluto [...] exprimindo esta determinação com a proposição: “*Tudo é um silogismo*”. Nesta condição concebe que: Tudo é conceito, o ser-aí é a diferença dos momentos do conceito. O processo de determinação não decorre, mas se desenvolve pela “a articulação dialética da razão formal do conceito e se diferencia no juízo, se reflete na razão concreta como silogismo objetivo”<sup>27</sup>

Entenda-se aqui que não se estabelece nenhuma relação entre juízo, mas as determinações do conceito, ou seja, os momentos lógicos do conceito P-S-U.

Hegel considera complicados os modos propostos por Aristóteles e apresenta o silogismo como uma forma diferente, buscando fundamentar o conceito, devendo ser compreendido como explicação objetiva completa da coisa<sup>28</sup>.

De acordo com Iber<sup>29</sup>, o conceito, no sentido hegeliano é desconhecido na práxis moderna, o P-S-U deve ser compreendido na teoria da ciência moderna, assim na medida em que medida que universalidade é entendida no nível da linguagem sua negação conduz o significado das palavras e as coisas do mundo na sua objetividade.

---

<sup>25</sup> HEGEL, GTF. *Enciclopédia das ciências Filosóficas em compêndio*. São Paulo: Loyola 1995, p.315

<sup>26</sup> ORSINI, Frederico. *Silogismo do: Proêmio*. Ciência da Lógica de Hegel. PUCRS/PPGFILOSOFIA. 2015. Manual de Filosofia

<sup>27</sup> BAVARESCO, Agemir. *Silogismo Hegeliano e Inferencialismo em Brandom*. *Cognitio:Revista de Filosofia*, São Paulo.v.13, n. 1, jan/jun,2012,p.2

<sup>28</sup> IBER, Christian. *Conceito, Juízo e silogismo: Introdução a lógica do conceito*. *Revista Opinião Filosófica*, Porto Alegre,v.03;nº02,2012 PUCRS/PPGFILOSOFIA 01/09/2015.

<sup>29</sup> Idem p.7-8.

Na Ciência da lógica Hegel estabelece três gêneros do silogismo: silogismo do ser-aí, silogismo da reflexão e o silogismo da necessidade. Entre eles o silogismo do ser-aí também chamado de categórico

## SILOGISMO DO SER-AÍ

Verifica-se no próprio Proêmio da Ciência da Lógica que a concepção do silogismo não contém estritamente um silogismo do conceito que permita responder a analogia com a doutrina do juízo. Em cada figura o meio termo apresenta-se de forma diferente quanto à idéia de unificação dos demais termos. O silogismo do ser-aí busca apresentar um movimento direcionado e traz consigo uma imanência objetiva. Isto significa que a imanência deste movimento direcionado fecha a esfera da lógica e abra a esfera da objetividade<sup>30</sup>.

O silogismo do ser-aí ou *silogismo do entendimento S-P-U*, que supõe o sujeito como singular é por meio de uma qualidade [particular], concluído-junto com uma determinidade universal<sup>31</sup>. Busca-se identificar uma qualidade particular nesta primeira figura em que a premissa maior destaca uma condição particular- um atributo- através dele o singular e se mostra universal.

Ao dizer *este cravo é vermelho (S-P); vermelho é uma cor (P-U); portanto este cravo é colorido (S-P)*. Chegar à conclusão que o cravo é colorido por casualidade, muita coisa é colorida, logo esta fundamentação do juízo pode ser deficiente.

Podem-se verificar no silogismo do entendimento os traços que definiram a lógica aristotélica – a presença do meio termo entre o sujeito da premissa menor e o predicado da premissa maior em que as determinações do conceito se supraassumem na sua imediatidade já que ele “como juízo é a relação das mesmas (TW6, 354).

Verifica-se que há uma passagem para o silogismo da reflexão, uma vez que o meio termo não se comporta como uma particularidade individualizada frente às determinações dos extremos, mas contém essas determinações postas nele, assim, nesse processo dialético, o silogismo do

---

<sup>30</sup> ORSINI, Frederico. *Ciência da Lógica de Hegel*. PUCRS/PPGFILOSOFIA .2015.

<sup>31</sup> HEGEL, GTF. *Enciclopédia das ciências Filosóficas em compêndio*. São Paulo: Loyola 1995, p.318.

ser-aí ou do entendimento se torna o silogismo da reflexão. A lógica formal não oferece objetividade apenas necessidade. Pode-se inferir que o silogismo do ser-aí é deficiente porque não chega a um conceito, embora os termos tenham a forma de entendimento imediato o conceito, porém é indeterminado.

Ao se tornar o silogismo da Reflexão P-S-U tem por meio termo a singularidade é segunda forma do silogismo antes de tudo o meio termo está posto como mediadas. O primeiro silogismo remete, para sua mediação, o segundo, e o segundo ao terceiro exigindo este uma universalidade nela mesma. Na analogia, o meio termo é singular, mas [tomando] no sentido de sua universalidade essencial, de seu gênero ou determinidade essência<sup>32</sup>l.

Entretanto sabe-se que uma particularidade singular pode, por sua vez, ter em si diversas determinidades, assim o sujeito pode ser referido a diferentes universais através do mesmo *medius terminus*.

Tal deficiência será corrigida pelo silogismo da totalidade. Por outro lado o terceiro gênero, silogismo da necessidade **S-U-P**-, tomado segundo as determinações puramente abstratas, tem por meio termo o universal. À medida que o aparecer ou ser mediado se reflete em si mesmo, o silogismo está determinado como silogismo da necessidade. A natureza objetiva da coisa. Isto ocorre uma vez que o silogismo determina os extremos do conceito igualmente como totalidades, o silogismo alcançou o correspondente do seu conceito ou do meio termo e do ser aí, significa que alcançou a sua verdade passando da sua subjetividade para sua objetividade.<sup>33</sup>

Considerando que o universal está posto como essencialmente determinado em si. Antes de tudo, 1) particular na significação do gênero determinado ou da espécie determinada, é a mediatizante. No silogismo categórico o singular é [a determinação mediatizante] a significação do ser imediato, de modo que seja tanto mediatizante como mediatizado<sup>34</sup>.

De que forma então o conceito corresponde o ser-aí do silogismo? Já se observou que o silogismo é *a explicação da coisa a partir do seu conceito*.

---

<sup>33</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica*, g.w.f. *Wissenschaft der Logik*- II. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986, v.6. Tradução: Agemir Bavaresco, Christian Iber e Frederico Orsini,

<sup>34</sup> HEGEL, GTF. *Enciclopédia das ciências Filosóficas em compêndio*. São Paulo: Loyola 1995.p.326

Hegel com isso alcança seu propósito quando o silogismo suprassume o conceito alcança sua objetividade real.

É, portanto no silogismo da necessidade que Hegel consegue objetividade e necessidade. Neste contexto a grande novidade em Hegel é entregar o silogismo ao conceito onde ele vai alcançar sua subjetividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hegel e Aristóteles diferem com relação ao silogismo. Pode-se dizer que para Aristóteles os silogismos buscam se justificar nas premissas do conhecimento científico anteriores, através do *nous* que precede a formulação da ciência.

Em Aristóteles o silogismo é matematizado, é quantitativo e apodíaco, há uma abstração da qualidade. Aristóteles foi considerado um essencialista, uma vez que só através da ciência poderia o objeto ser reconduzido a sua natureza universal (até hoje as coisas devem ser explicadas por formulas).

Neste sentido Hegel criticou Leibniz por ter totalizado o conceito e sua meta é fazer emergir o conteúdo do conceito para compreender a coisa. Com esta meta ele deduz a necessidade da eficiência do silogismo do ser-aí. Para o filósofo a experiência não é necessária para fundamentar uma universalidade objetiva, fazendo uma crítica interna ao empirismo, considera que a experiência deve ser abolida em função do conhecimento

De acordo com Hegel quando as premissas são provadas entre mediação e imediação, por princípio, as premissas são *apodíacos* (demonstradas através de princípios) são mediadas pela ciência – uma forma de racionalidade-*nous*. *Tem que ser sustentada em si e para si*.

Em Hegel o silogismo deve permitir responder e provar uma conclusão sem pelo conhecimento e não mediada pela ciência.<sup>35</sup> Portanto objetivo é determinar o conteúdo do conceito e não o conteúdo do empírico.

A natureza do espírito é diferente da natureza do pensar, pode se verificar que o silogismo do entendimento permite momentos de

---

HEGEL, G. *Ciência da Lógica*. Tradução de: Agemir Bavaresco, Frederico Orsini, Christian Iber, 2015, §19-20

racionalidade e momentos de irracionalidade. O silogismo categórico, o ser-  
aí ainda mostra-se deficiente, exige maior amplitude para emergir o  
conteúdo no conceito, por outro lado, introduz a máxima reitora na Ciência  
da Lógica: **O Silogismo é a verdade do Juízo.**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. Organón: Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos e Refutações sofísticas. Trad.Edson Bem. Bauru SP: EDIPRO, 2005.
- BAVARESCO, Agemir. Silogismo Hegeliano e Inferencialismo em Brandom. *Cognitio: Revista de Filosofia*, São Paulo, v. 13, n. 1, jan./jun., 2012.
- CARLSON, David Gray. A Commentary on Hegel's Science of Logic Palgrave Macmillan. New York, 2007.
- CIRNE-LIMA, Carlos. Dialética para principiantes. 3ª.ed.São Leopoldo: Editora Unisinos,1996.
- GOMES, Luís Evandro; D'OTTAVIANO,Itala M. Um panorama da teoria aristotélica do silogismo categórico.UNICAMP-SP 1ºSetembro 2010.
- HEGEL, G.W.F. A EFETIVIDADE. In HEGEL, g.w.f. Wissenschaft der Logik- II. Frankfurt am Main: Suhrkamp,1986,v.6. Tradução: Agemir Bavaresco, Christian Iber e Frederico Orsini.
- \_\_\_\_\_, GTF. Enciclopédia das ciências Filosóficas em compêndio. São Paulo: Loyola 1995.
- \_\_\_\_\_, G.W.F. Ciência da Lógica. Tradução de: Agemir Bavaresco, Michela Bordignon, Christian Iber, Frederico Orsini, Marloren Miranda e Tomás F.Menk. Revisão técnica: Luis Sander, 2015.
- IBER, Christian. Conceito, Juízo e silogismo: Introdução a lógica do conceito. *Revista Opinião Filosófica*, Porto Alegre,v.03;nº02,2012 PUCRS/PPGFILOSOFIA 01/09/2015.
- IBER, Christian. Introdução à filosofia moderna e contemporânea, Porto Alegre: akikópias, 2011, p.172.
- INWOOD, Michael. Dicionário Hegel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.
- KENNY, Anthony. Historia Concisa da Filosofia, Lisboa: SIG, 1999.
- KONDER, Leandro. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 1981 p.25
- LEIBINIZ, Dissertatio de arte combinatorio. Santiago: Universidad Catolica de Chile, 1992.

WERLE, M.A. Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. São Paulo: Barcarolla, 2011, p.193.